



DOI: 10.5380/2238-0701.2022n23.14
Data de Recebimento: 16/04/2021
Data de Aprovação: 13/07/2021

O refúgio e o desafio de uma sociedade informada





Resenha

O refúgio e o desafio de uma sociedade informada

DANIEL GUILLERMO GORDILLO SÁNCHEZ¹

CARARO, Aryane; SOUZA, Duda Porto de. **Valentes:** histórias de pessoas refugiadas no Brasil. São Paulo: Editora Seguinte, Grupo Companhia das Letras, 2020. 296 p. ISBN: 978-8555340963

Os fenômenos migratórios se tornaram uma das questões sociais mais midiáticas e visíveis das últimas décadas, produto da internacionalização da economia capitalista, da globalização contemporânea, da expansão das tecnologias da informação e comunicação, da circulação transnacional de bens e serviços, dentre outros fatores. Não há dúvida de que esses fluxos e movimentos populacionais a nível global colocam em xeque o mito da homogeneidade nacional e linguística dos Estados-nação, demonstrando que a cultura assume formas híbridas e multiculturais (HALL, 1997). Contudo, nem sempre as sociedades estão dispostas a conviver com essa diversidade e pluralidade de culturas, nacionalidades, línguas, religiões e culturas. A migração e o refúgio se

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB), na linha de pesquisa Estudos Culturais da Educação. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). Bacharel em Antropologia pela Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA). Bacharel em Ciência da Informação e Biblioteconomia pela Pontifícia Universidad Javeriana (PUJ, Colômbia)

tornaram fonte de polêmicas, discursos de ódio e narrativas nacionalistas. Os(as) migrantes e refugiados(as) costumam ser taxados(as) como criminosos(as) e descritos(as) a partir de representações negativas. De alguma maneira, isto se deve ao escasso conhecimento que a sociedade tem sobre as populações migrantes, seus dramas, anelos, medos e dificuldades que motivam seu deslocamento, muitas vezes forçado, para obter uma vida digna e com melhores oportunidades.

Esquecemos, no entanto, que essas pessoas muitas vezes são vítimas de guerras civis e conflitos armados, intolerância religiosa, calamidades públicas, desastres naturais e falta de perspectivas econômicas. Por isso, é fundamental assumir a dimensão emocional, biográfica e humana da migração e o refúgio, no intuito de desenvolver um repertório de informações verídicas e qualificadas sobre esse fenômeno, embasado na realidade empírica.

Esse é justamente uns dos objetivos do livro *Valentes: histórias de pessoas refugiadas no Brasil*, publicado em 2020 pela Editora Seguinte, selo da Companhia das Letras. A obra reúne emocionantes relatos de refugiados(as) de 16 países distintos de quatro continentes, com distintas religiões, línguas, idades, profissões, faixas etárias, identidades de gênero e posições políticas. Trata-se de um livro de vital importância na compreensão sobre a questão do refúgio no Brasil e no mundo, que vem combater a desinformação que ronda o assunto.

Autoras da belíssima obra *Extraordinárias – Mulheres que revolucionaram o Brasil*, publicado em 2017, que eterniza a vida de mulheres à frente de seu tempo, e cujas ações ao longo da história brasileira chegam a milhares de escolas através Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), Aryane Cararo e Duda Porto de Souza conservam a potência pedagógica, o sentido crítico e a preocupação com os direitos humanos nesta nova publicação. Ambas são jornalistas e especialistas em literatura infantil e juvenil, e, além disso, têm uma relação pessoal e familiar com a migração, portanto, nos oferecem aqui uma narrativa original e sensível, com uma escrita acessível e criativa, acompanhada das ótimas ilustrações de Rafaela Villela.

Em termos da estrutura geral do texto, podem ser destacados vários aspectos. Em primeiro lugar, os(as) leitores(as) identificamos que há por trás desta obra um intenso trabalho de pesquisa qualitativa e documental, que se reflete no tratamento das narrativas e histórias de

vida recolhidas pelas autoras. Os depoimentos dos(as) refugiados(as) são acompanhados por reflexões analíticas, que retratam o cenário que propiciou a saída dessas pessoas de suas terras natais. Nesse sentido, Cararo e Souza contextualizam o contexto migratório de cada um(a) dos(as) entrevistados(as), levantando elementos historiográficos, geopolíticos e econômicos que permitem situar no tempo e no espaço as distintas crises de refúgio dos quatro continentes: Ásia, África, Europa e América Latina.

É apresentado para os(as) leitores(as) um mapa detalhado da correlação de forças, grupos étnicos, estruturas macro e microeconômicas, interesses regionais e mundiais e acontecimentos naturais e sociais que dispararam a saída massiva de refugiados(as) nas últimas décadas nos seguintes países: Vietnã, Síria, Palestina, Afeganistão, Marrocos, República Democrática do Congo, Angola, Mali, Moçambique, Ex-Iugoslávia, Venezuela, Bolívia, Colômbia, Paraguai, Haiti e Cuba. Tais elementos são consolidados e organizados em uma linha do tempo em uma subseção denominada “Entenda a crise”, que precede as histórias dos(as) refugiados(as) de cada nação.

Resulta muito interessante observar que as autoras lançam mão de bibliografia especializada sobre cada um dos contextos, dialogando com dados estatísticos e relatórios governamentais e de órgãos internacionais. Isto demonstra o rigor de pesquisa investido na produção do livro, cujos debates e discussões atravessam áreas como a economia, as relações internacionais, a ciência política e a história. De fato, a bibliografia que encontramos no final do livro é organizada por país, compondo um repertório de fontes obrigatórias para os(as) pesquisadores(as) interessados(as) em abordar os fenômenos migratórios da contemporaneidade².

Da mesma forma, devemos ressaltar que as autoras apresentam infográficos e ilustrações dos principais lugares, símbolos e personagens de cada conflito, o que facilita a organização das informações e a leitura pelo público não especialista. Cararo e Souza também sugerem filmes e documentários para quem quiser se aprofundar nas problemáticas, o que também reflete um trabalho de curadoria sério e cuidadoso que envolve diversas linguagens e fontes. Assim, o caráter pedagógico e lúdico está presente ao longo do texto, com conteúdos capazes de

2 O autor da presente resenha, migrante colombiano estudante de Doutorado no Brasil, pesquisa a questão da migração venezuelana nas escolas públicas da Paraíba.

desconstruir imaginários cotidianos e auxiliar formação e reflexão sobre o fenômeno do refúgio no mundo. A respeito desse ponto, vale ressaltar também que o livro contém no final um glossário onde são definidos diversos termos que são citados na obra (como por exemplo: antissemitismo, califado ou coiotes), o que permite uma melhor elucidação das ideias e análises levantadas na obra.

O livro é organizado em três grandes blocos: 1) apresentação, todas as formas de acolher e o refúgio no Brasil; 2) mapa-múndi: vidas em movimento; 3) ideias para inspirar; glossário; referências; sobre as autoras e a ilustradora e agradecimentos. No primeiro, as autoras expõem um panorama sobre a migração e o refúgio no Brasil, destacando que o deslocamento é uma prática milenar e um direito humano, e, sobretudo, nem sempre um ato voluntário. Nesse sentido, frisam que com o livro buscam registrar a voz desses(as) migrantes de forma não passiva, ou seja, procuram reivindicar a capacidade de resiliência, superação e criatividade dessas pessoas. Ao mesmo tempo, alertam sobre a necessidade de combater mitos, *fake news* e discursos xenófobos e narrativas nacionalistas ao redor da migração.

Destacam, por exemplo, que o Brasil é o quinto maior país do mundo no que diz respeito à extensão territorial, mas apenas acolhe 0,04% dos refugiados do mundo enquanto a média mundial é de 3,4%. Da mesma forma, Cararo e Souza nos lembram de que população migrante no Brasil não chega a ser 1% da população geral, desmascarando a crença comum dos(as) que reclamam que existem “muitos migrantes” no país. Da mesma forma, destacam que há mais de 3 milhões de migrantes de origem brasileira vivendo no exterior. Com isso, as autoras querem fazer um apelo à empatia e à consciência coletiva, em prol de um país mais justo e plural, principalmente no momento atual em que há uma maior demanda de pessoas fugindo de seus países por distintas circunstâncias.

Nesta primeira parte as autoras também apresentam o quadro histórico, conceitual, cronológico e jurídico do refúgio no Brasil e no mundo. Assim, relatam as características e condições que propiciaram a Convenção de Genebra de 1951, primeiro instrumento jurídico internacional sobre os(as) refugiados(as) elaborado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR, após a Segunda Guerra Mundial na Europa. Da mesma forma, explicam o Protocolo

de 1967 e a Declaração de Cartagena de 1984, as quais ampliaram a definição de refugiado(a), incluindo pessoas que sofrem perseguição, guerras e violações aos direitos humanos em outros continentes. Sobre o ACNUR, é mencionado que a dita organização foi criada inicialmente para ajudar os milhões de europeus refugiados(as) durante a Segunda Guerra Mundial, mas que foi ganhando novos contornos e responsabilidades, tendo em vista os conflitos armados e guerras que eclodiram em distintos lugares do mundo. Cararo e Souza explicam que o ACNUR abriu seu primeiro escritório no Brasil em 1977, sendo fundamental, junto com órgãos da Igreja Católica, no acolhimento de pessoas que fugiam de ditaduras e guerras, vindas de países como Vietnã, Irã, Cuba, Síria, Angola, Libéria e Afeganistão.

Ressaltam-se, da mesma forma, vários avanços que o Brasil tem conseguido nessa matéria. Em primeiro lugar, se detalha o processo que derivou na promulgação da Lei 9.474 de 1997 que define os mecanismos e procedimentos do refúgio no Brasil. Igualmente, as autoras descrevem a Lei de migração de 2017, considerada vanguarda por outras nações, que institui a obrigatoriedade da não discriminação e garante o acesso aos serviços públicos, saúde e previdência social. Elas nos lembram que até então, o(a) imigrante era tratado como uma ameaça à segurança nacional, haja visto que o anterior estatuto do migrante era o da ditadura militar.

As autoras também apontam os desafios e dificuldades que os(as) migrantes enfrentam em solo brasileiro, como a dificuldade do aprendizado da língua para se integrar na sociedade, bem como os entraves econômicos e burocráticos para validar seus diplomas universitários, a xenofobia nas instituições escolares e o combate às *fake news*, que associam a migração à criminalidade e ao perigo para os empregados locais, dentre outras categorias negativas. Para desconstruir cada uma dessas narrativas, as autoras analisam fontes acadêmicas, governamentais e de instituições internacionais. Explicam, por exemplo, que entre os(as) refugiados(as) e imigrantes há maiores taxas de desemprego, representam uma minoria ínfima nos presídios e, além disso, movimentam a economia local, pagam impostos e são uma oportunidade de troca cultural, de inovação e de diversidade sociocultural.

O segundo bloco, *Mapa-Múndi – vidas em movimento*, representa a maior parte da obra. Nele se explicitam os contextos das crises e conflitos que desencadearam a migração massiva em 16 países, supracitados no começo deste trabalho, bem como as histórias de refugiados(as) que decidiram recomeçar sua vida no Brasil, sob condições adversas. Assim, por exemplo, os(as) leitores(as) podemos conhecer os antecedentes, características e consequências da Guerra do Vietnã, que provocou a morte de milhões de pessoas, muitas por conta das armas químicas usadas pelos Estados Unidos. Da mesma forma, podemos conhecer a história de refugiados(as) como Vu Tien Dung, habitante do Vietnã do Sul, resgatado em alto-mar por um navio brasileiro da Petrobras que retornava do Japão. Este refugiado mora no Brasil desde 1979 e tem residido em vários estados, sendo que atualmente mora em Balneário Camboriú (SC), onde abriu uma loja de exportação de artigos de decoração. Ele se casou com uma brasileira e teve quatro filhos. Logo, também se relatam vitórias e momentos de superação dos(as) refugiados(as), sempre relevando seu espírito estoico e sonhador.

Da mesma forma, os(as) leitores(as) podemos entender as causas de um dos processos migratórios mais conhecidos atualmente: o venezuelano, considerado como uma das crises de deslocamento mais graves no mundo (ACNUR, 2021). Na subseção “Entenda a crise” as autoras apresentam dados estatísticos sobre os índices de pobreza, desnutrição e hiperinflação que assolam atualmente o país caribenho, bem como um quadro do número de migrantes venezuelanos(as) no mundo (próximo de 5 milhões) e no Brasil (em torno de 128 mil). Posteriormente, se expõe a problemática da dependência e dos preços internacionais do petróleo, bem como uma linha do tempo sobre os acontecimentos políticos que compõem a atual crise. Como exemplo disto, apresentam a história de Yennifer Zarate, uma jovem que vendeu o único pertence que tinha, sua aliança de casamento, para viajar de Roraima ao Rio de Janeiro e recomeçar sua vida.

No total, o livro nos traz vinte relatos de pessoas que têm se deslocado de forma forçada, devido a ditaduras ou contextos como a guerra na Síria ou o terremoto do Haiti, acontecimentos recentes conhecidos pela opinião pública. Tais pessoas têm se esforçado por recomeçar suas vidas em distintas capitais do território brasileiro, como Porto Alegre, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, dentre outras. Elas narram

suas dificuldades para se adaptarem à cultura local, mas ao mesmo tempo as possibilidades de estabelecer redes de confiança e amizade com os(as) brasileiros(as).

Podemos observar a preocupação dos(as) refugiados(as) por conseguir emprego e garantir o sustento de suas famílias, como é o caso de Diana Soliz, boliviana mãe de família que se empregou como trabalhadora doméstica na capital paulista. Também podemos ver o desejo dos(as) refugiados(as) para manter vivas suas tradições e línguas e ajudar outros(as) refugiados(as) a se estabelecerem no Brasil, como o faz Rawa al Sagheer, palestina, quem se envolveu em ações artísticas e sociais para difundir a cultura árabe na mesma cidade.

Finalmente, o terceiro bloco apresenta distintas citações de livros e falas de personalidades que apoiam a causa migrante, como Malala You-safzai, ativista paquistanesa e ganhadora do Prêmio Nobel da Paz 2014, Angelina Jolie, atriz e ativista pelos direitos humanos, o Papa Francisco, o professor e escritor Zygmunt Bauman, dentre outras. Igualmente, se apresenta no glossário, descrito anteriormente, uma breve apresentação das autoras e da ilustradora, os agradecimentos, bem como uma lista de organizações que trabalham com migração e refúgio no Brasil, as quais recebem apoio e contribuições.

Em um país plural, mas muito desigual como o Brasil, é fundamental termos contribuições literárias, informativas e artísticas que mostrem caminhos para pensarmos uma sociedade multicultural, respeitosa e aberta à alteridade. A presente obra se inscreve nesse movimento e além disso é de fácil acesso, podendo ser adquirida nas principais plataformas de comercialização de livros, de forma impressa ou digital. O livro *Valentes: histórias de pessoas refugiadas no Brasil* é o resultado de um trabalho de pesquisa inspirado, sensível e rigoroso, norteador por um viés humanista e emancipador, que precisa ser ouvido e compor o acervo das bibliotecas públicas, escolares e universitárias. Nele, Cararo e Souza mostram as dores e sacrifícios do refúgio, mas ao mesmo tempo retratam momentos de calor humano, sucesso e alegrias, que emocionam e despertam nos(as) leitores(as) a utopia de um mundo mais justo. Embora o público-alvo possa ser o juvenil, este livro pode ser facilmente apropriado por todas as idades, sendo um instrumento excelente para trabalhar a diversidade na escola, na família e na universidade.

Referências

Agência da ONU para os refugiados. **Venezuela**. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/venezuela>. Acesso em: 11/05/2021.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as ver oluções culturais do nosso tempo**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>.

Recebido em: 16/04/2021

Aceito em: 13/07/2021



